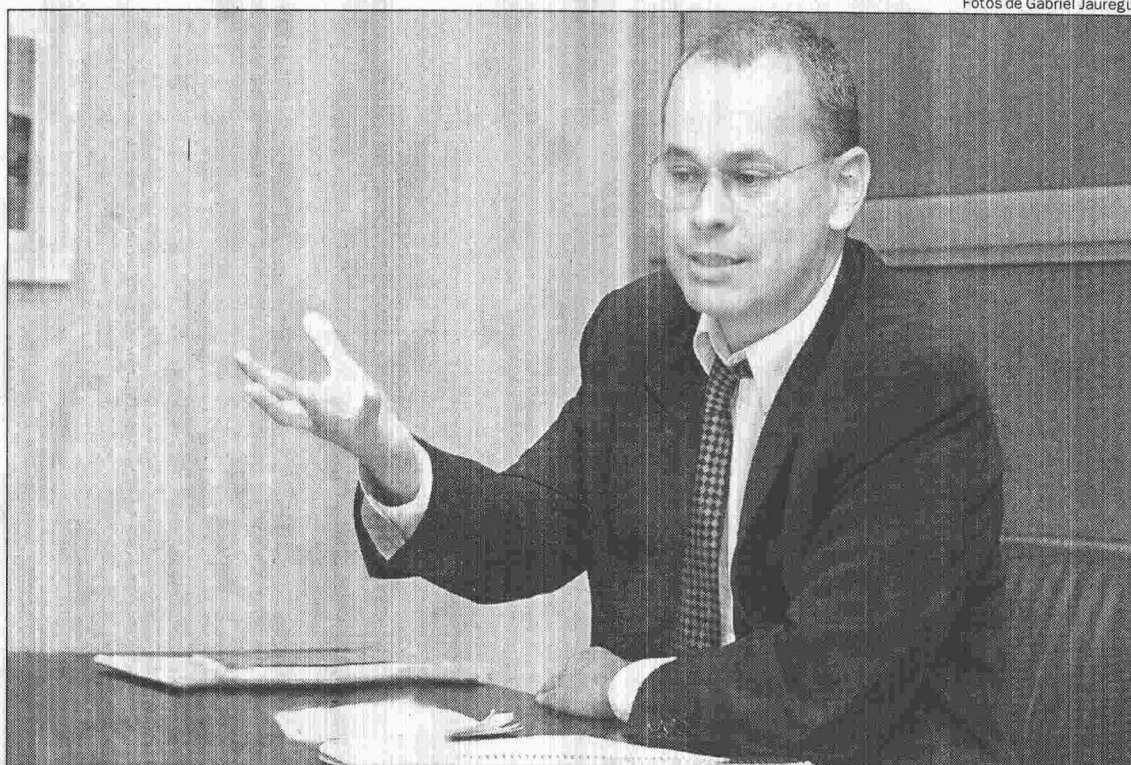




Fotos de Gabriel Jauregui

86
"Controle de
capitais
seletivo é
importante.
Até o FMI está
falando nessa
possibilidade"



“Não existe um só modelo”

Luiz Fernando de Paula critica apertado fiscal exagerado

O professor Luiz Fernando de Paula, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, ajudou a apimentar o debate, discordando de vários pontos que foram consenso para os outros três integrantes do *Balanço Mensal* do JB.

E veio bem preparado para o encontro. Pontuou a defesa de seu cenário com várias citações de economistas famosos e não hesitou em fazer fogo cerrado contra pontos que são considerados verdadeiros tabus para acadêmicos mais conservadores. Como controle de capitais e a redução do superávit fiscal excessivo para permitir maiores investimentos pelo Estado.

O ponto-chave da apresentação do professor foi que não há apenas um modelo de desenvolvimento econômico.

— Este é um daqueles temas que

são caixas-pretas. Precisamos ter a humildade de dizer que não existe um único modelo. É um processo não-reprodutivo. Cada experiência tem sua singularidade.

No embalo da exposição de Pedro Cavalcanti, o economista da Uerj lembra que o caso da Coreia do Sul foi bastante claro neste sentido. Aproveitando-se da conjuntura pós-Segunda Guerra Mundial e das vizinhanças do Japão, a Coreia, exemplifica Luiz Fernando de Paula, criou condições para o seu desenvolvimento econômico.

A forma de financiar este crescimento sustentado preocupa o economista. Ele busca informações do passado recente, sobre a época do chamado milagre econômico, nos anos 70. E adverte que buscar recursos externos a juros elevados é um risco muito alto.

— Pagamos um preço muito alto por essa estratégia.

Ele lembra que no Brasil em raras oportunidades houve o tripé clássico de investimento com Estado, capital estrangeiro e fortes gru-

pos privados nacionais.

— Não há país que tenha feito um desenvolvimento econômico sustentável sem ter grupos privados nacionais fortes.

Assim, o professor da Uerj cita a questão das remessas de lucros, royalties etc. A questão do capital estrangeiro deveria ser examinada mais de perto, sugere Luiz Fernando de Paula. Se até mesmo o pai do Consenso de Washington, John Williamson, e o FMI estão admitindo, de alguma forma, esta possibilidade, De Paula acredita que não há porque temer suas consequências.

Quanto à atual política econômica, o economista criticou o excessivo apertado fiscal.

— Acho possível criar uma alternativa de desenvolvimento, que compatibilize equilíbrio interno e externo. É possível estabelecer uma sustentabilidade da dívida pública com uma taxa de juros reais mais baixa, com um superávit primário de 3%, conseguindo um crescimento da ordem de 4,5% a 5% ao ano.